

# VENDA E ALUGUEL DE MULHERES NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI: LIMIARES ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO NAS NARRATIVAS DE HERNÂNI DONATO E HÉLIO SEREJO

*SALE AND RENTAL OF WOMEN IN BRAZIL-PARAGUAY BORDERLAND: LIMINAL SPACES BETWEEN HISTORY AND FICTION IN HERNÂNI DONATO AND HÉLIO SEREJO'S NARRATIVES*

Jérri Roberto Marin<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa o romance *Selva Trágica: a gesta ervateira no suldestemato-grossense*, (1959), de Hernâni Donato, e alguns contos de Hélio Serejo (2008) sobre as atividades ervateiras e sobre a presença, a venda e o aluguel de mulheres nas décadas de 1940 e 1950 em Mato Grosso, sobretudo na fronteira do Brasil com o Paraguai. Segundo Donato (1959) e Serejo (2008) essas práticas eram frequentes e se configuravam na troca de uma mercadoria, na compra de um bem e tinha caráter irrevogável. Essas transações, para serem legitimadas, deveriam ser em locais públicos, semelhantes a um comércio, e reunir todas as partes interessadas. Entre Donato (1959) e Serejo (2008) são estabelecidas muitas semelhanças. Suas narrativas são híbridas e de difícil delimitação, pois os limiares entre história e ficção são indistintos.

**Palavras-chave:** Hernâni Donato; Hélio Serejo; Ervais mato-grossenses; Venda de mulheres.

**ABSTRACT:** The article analyzes the social novel *Tragic Jungle: the gest ervateira in the southeast of Mato Grosso* (1959), by Hernâni Donato, and the tales of Hélio Serejo (2008) on ervateiras activities and the presence, the sale and rental of women in the 1930s and 1950s in Mato Grosso, especially on the border of Brazil with Paraguay. According Donato (1959) and Serejo (2008) these practices were common and they configured in exchange of a commodity, the purchase of an object and it was irrevocable. These transactions, to be legitimate, they should be held a public place, similar to a trade, and bring together all stakeholders in the business. Between Donato (1959) and Serejo (2008) are established many similarities. The narratives of both Authors are hybrid and difficult delimitation because the thresholds between history and fiction are indistinct.

**Keywords:** Hernâni Donato; Hélio Serejo; Herbal Mato Grosso; Sale of women.

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Brasil); Professor da Pós-Graduação em História da UFGD. Bolsista da CAPES - Proc. nº BEX 2372/15-0, Estágio Sênior junto a Università Degli Studi di Roma "La Sapienza". E-mail: jerrimarin@bol.com.br

O artigo analisa o romance *Selva Trágica: a gesta ervateira no suestematogrossense* (1959), de Hernâni Donato, e os contos de Hélio Serejo (2008) sobre as atividades ervateiras e sobre a presença, a venda e o aluguel de mulheres entre as décadas de 1930 e 1950 nas fronteiras de Mato Grosso com o Paraguai.<sup>2</sup> Nos cenários de *Selva Trágica* (1959) e de diversos Contos de Serejo (2008) foram retratados a existência desse comércio, prática comum que se configurava na venda de uma mercadoria e na compra de um bem. Os desejos e as vontades das mulheres não eram considerados nessas transações, que tinham um caráter irrevogável.

*Selva Trágica* (1959), obra publicada em 1955, é um romance social cuja trama passa-se entre o início do século XX e a década de 1930. Donato (1959) descreveu a extração e beneficiamento dos ervais mato-grossenses e a exploração da mão de obra pela “Companhia”, uma empresa argentina. Ou seja, a atividade extrativa e a exploração dos trabalhadores enriqueciam capitais estrangeiros. Na obra, não existe nenhuma menção à Mate Laranjeira, que arrendava os ervais de Mato Grosso e que se beneficiava com esse negócio. O romance termina com a intervenção do presidente Getúlio Vargas que, por meio de políticas de nacionalização das fronteiras, teria extirpado o monopólio da “Companhia”. O leitor é remetido a referentes externos, ou seja, aos contextos históricos regionais e nacionais, pois Donato (2002) afirma ter se inspirado em fatos reais e de ter dramatizado em cima deles.

Hélio Serejo nasceu em Nioaque, estado de Mato Grosso, em 1912. Seu pai, *Don Chico*, era policial e foi proprietário de algumas ranchadas ervateiras<sup>3</sup> e de uma casa comercial em Ponta Porã.<sup>4</sup> Desde jovem o acompanhava e, enquanto cursava o primário, tornou-se responsável pela torrefação das folhas da *ilex paraguayensis*. Aos 14 anos, assumiu inúmeras funções na ranchada de Porto Baunilha. Ali, “cozinhou o locro (milho com carne), comprava o costo (rês para o sustento do trabalhador ervateiro) atendia a comissaria e ajudava na monteação.”<sup>5</sup> Posteriormente, alistou-se no 3º Regimento de Infantaria, no Rio de Janeiro. Retornando a Mato Grosso, trabalhou em várias atividades até fixar-se, em 1948, em Presidente Venceslau.<sup>6</sup>

<sup>2</sup> Donato foi jornalista, relações públicas, produtor cultural, contista, romancista, crítico literário, sociólogo e historiador. Foi membro de vários Institutos Históricos e Geográficos e integrava as academias de Letras de São Paulo, de Santos, de Mato Grosso do Sul e de Brasília, além da paulista de História, da brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, da Sociedade Geográfica Brasileira, da União Brasileira de Escritores, do Penn Center do Brasil e do Clube Machado de Assis, de Lisboa. Sua vasta produção intelectual inclui mais de 73 publicações, compostas por Contos, romances, livros infanto-juvenis, biografias e obras de história. Muitas das suas obras foram premiadas e sucessivamente reeditadas no Brasil e traduzidas para as línguas espanhola, guarani, italiana, japonesa, polonesa, tcheca e romena. As obras *Chão Bruto* (1980) e *Selva Trágica* (1959) foram adaptadas ao cinema. Serejo (2008) publicou 60 livros, muitos foram publicadas em diversos países (Portugal, Uruguai, Paraguai e México) e um de seus contos foi adaptado para a televisão. Serejo foi membro das Academias de Letras de Mato Grosso, de Piracicaba, da União Americana de Cultura, da Sociedade Mato-grossense de Folclore, do Centro de Letras Euclides da Cunha de Ponta Porã e membro correspondente da Academia Paranaense de Letras. O escritor foi laureado inúmeras vezes pela sua produção ficcional.

<sup>3</sup> Era um acampamento provisório onde era fabricado o mate cancheado. Compunha-se de moradias para os ervateiros, depósitos e a comissaria, que compreendia o armazém e a sede administrativa.

<sup>4</sup> No final da década de 1910 partes dos ervais nativos foram fracionados em lotes e entregues a pequenos proprietários. Eles elaboravam e vendiam a erva-mate para a Mate Laranjeira.

<sup>5</sup> Monteação eram as expedições para procurar árvores da espécie *ilex paraguayensis* a fim de montar um rancho.

<sup>6</sup> Em Campo Grande foi redator do *Jornal do Comércio* e exerceu o cargo de Diretor do Tesouro do Estado nos municípios de Rio Brillhante, Maracaju, Dourados e Bela Vista. Em 1943, foi escrivão do Cartório de Registro Civil de Rio Brillhante e,

Serejo (2008, v. 7, p. 150) se auto-representava como um homem simples, de gestos xucros, que veio de longe e que falava da fronteira do Brasil com o Paraguai, dos altiplanos bolivianos, do Chaco paraguaio e das terras incaicas. Como homem fronteiriço, híbrido e bugre legítimo seria filho dos ervais de Ponta Porá e gaudério de todos os pagos. Como homem traduzido identificava-se com todas as encruzilhadas e galpões. Ser fronteiriço era misturar-se com diferentes culturas e visões de mundos que convergiam numa fronteira geográfica. Ou seja, suas origens já eram as das diferenças e do híbrido. Ele assumia sua condição de viver no *entre-lugar*, de estar cá e de lá ao mesmo tempo e que dialogava com diferentes culturas nessa zona de contato (SEREJO, 2008, v. 7, p. 150). As mesclas, os contatos e as misturas retratadas no crioulisto de Serejo (2008) são reveladoras das diferenças culturais, étnicas, de cores e de nacionalidades que a região fronteiriça abrigava.

As vivências, lembranças de Serejo (2008) e os seus conhecimentos acerca da vida nos ervais foram registrados em 64 cadernos, que serviram de inspiração para as 60 obras e para os inúmeros artigos, que foram publicados em revistas e jornais. Serejo começou a escrever ainda jovem, porém a maioria de sua produção ficcional foi elaborada após 1948, quando foi trabalhar na cidade de Presidente Venceslau, em São Paulo. O distanciamento geográfico da fronteira do Brasil com o Paraguai e do ambiente rural operam como contraponto da cidade onde vivia. Seus textos rememoravam momentos importantes de sua vida e das experiências que vivenciou com seus pais, colegas de infância, ervateiros, indígenas e paraguaios (SEREJO, 2008, v. 1, p. 247, 259).

Os cenários descritos foram aqueles vivenciados na infância e na juventude, um saber construído a partir das suas vivências e lembranças. Por meio de seus textos, podem-se sentir os gostos da comida e das frutas, os cheiros da erva-mate e da mata, ouvir os sons dos pássaros, dos animais selvagens, as diferentes falas da fronteira e conhecer os saberes e os lugares onde viveu. Seus textos são “quase” uma conversa ao pé do fogo. De forma minuciosa retratou as afetividades, as conjugalidades, os medos, os cheiros, os risos, as falas, os saberes, as faunas, as paisagens, as religiosidades, os processos manufatureiros da erva-mate, as ferramentas, as indumentárias, as tecnologias, os tempos necessários para realizar cada tarefa, as moradias, a alimentação, os métodos de torturas, as relações entre os gêneros, entre outros aspectos.

No prefácio de *Balaio de bugre* (2008), afirmou que a obra continha um “um pouco de tudo: crônicas, relatos históricos, comentários, poesias, contos, folclore, crítica literária, e imagens do sertão” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 93). O regionalismo serejeano revela sua genialidade como ficcionista. Ele valoriza as diferentes contribuições culturais que singularizam a fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, terra que de inúmeros desencontros, mas também de muitos intercâmbios. Sua poética crioula tornou-se matriz de um regionalismo cujo *lôcus* de enunciação foi forjado nas fronteiras geográficas, históricas e culturais.

---

nesse mesmo ano, foi nomeado Diretor da Repartição de Terras do Território Federal de Ponta Porá. No final da década de 1940 trabalhou na Secretaria de Agricultura (REIS, 1980, p. 75, 79).

Donato (1959) e Serejo (2008) ao retratarem a história, a vida e a cultura dos ervais mato-grossenses deixaram registros e glossários, que são provas incontestáveis da capacidade inventiva na recriação da linguagem e das suas excelências como intérpretes e como ficcionistas. Suas literaturas são, sobretudo, fronteiriças e híbridas. Seus registros poéticos revelam as sensibilidades desses Autores que souberam digerir as diferenças, a pluralidade, a heterogeneidade, as misturas e as hibridações dessa região.

## APROXIMAÇÕES ENTRE DONATO E SEREJO

Hernâni Donato (1959) poderia ser definido, segundo Miceli (2001), como *polígrafo*, isto é, como um intelectual que transita por formas discursivas diferenciadas, como o jornalismo, a literatura, a biografia e o ensaio histórico. Até o seu falecimento, em 2012, sempre conciliou as atividades de romancista, historiador, executivo, publicitário e funcionário público com as de autor de livros infantis, de dicionários, de biografias, de roteiros de cinema e de propagandas. Ou seja, em função da própria configuração do campo literário, nunca se dedicou exclusivamente à ficção.

Donato (1959) estudou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, na década de 1940, frequentando até o terceiro ano do curso. O interesse pela História, pela cultura brasileira e pelos processos de transformações sociais em suas produções literárias são decorrências das experiências da juventude, dos estudos sociológicos e da sua carreira nos campos publicitário e editorial. Uma das características da sua produção era conferir à sua literatura perspectivas realistas, analíticas, críticas e de denúncias, preocupando-se com a reconstrução minuciosa das práticas e dos lugares onde ambientava suas produções literárias.

A construção de *Selva Trágica* (1959) foi o resultado de inúmeras viagens realizadas por Donato ao Mato Grosso, com a finalidade de pesquisar o Caminho de *Peabiru*, estrada que teria sido encontrada pelos portugueses à época da conquista e que interligava o Oceano Atlântico ao Pacífico. Nessas viagens coletou informações, realizou entrevistas, pesquisou em bibliotecas e reuniu fontes diversas (orais, bibliográficas, fotográficas, observações realizadas durante as viagens a Mato Grosso, documentos oficiais e a sua memória), que foram importantes para a confecção do romance.

No prefácio de *Selva Trágica* (1959), Donato afirmou que a obra retrataria a verdadeira e definitiva história dos ervais e da fronteira do Brasil com o Paraguai. Os “segredos” ocultos da história da região teriam sido desvelados a ele por ex-ervateiros<sup>7</sup>, ex-comitaveiros<sup>8</sup>, proprietários de ervais e por inúmeras pessoas com quem que entrou em contato em suas andanças pelas terras mato-grossenses. Ele fez menção especial ao “Enio ‘Gato Preto’ Martins, ao Galdino Agostini, ao Carlos Freire” que, entre muitos, teriam revelado os “segredos” e a história do “mundo” do mate (DONATO, 1959, p.

<sup>7</sup> O ervateiro também era denominado de mineiro. Era o trabalhador que lidava numa mina (erval) (DONATO, 1959, p. 240).

<sup>8</sup> Polícia da empresa Mate Laranjeira. A denominação originou-se das comitativas realizados para capturar os ervateiros fugitivos.

7-10). Também foram transcritos fragmentos da obra de Antônio Bacilla, *O Drama do Mate*, da carta de Hernandarias ao rei da Espanha e um depoimento oral de Antônio Cardozo, mineiro fugitivo, coletado pelo Autor. Donato (1959) citou também Rafael Barrett, que fazia denúncias sobre a escravidão nos ervais paraguaios e brasileiros, com o consentimento dos governos dos dois países. O texto apresenta dados estatísticos sobre o elevado índice de mortalidade dos trabalhadores na região ervateira, fator que gerou uma depopulação na fronteira do Brasil com o Paraguai. De 330 homens que teriam sido levados do povoado de *Villarica*, no Paraguai, para trabalhar nos ervais de Tormenta, no Brasil, teriam retornado apenas 20 homens. Donato (1959, p. 10) procurava comprovar que a “selva” que retratava “era de fato trágica”. Os editores, por sua vez, reforçam o sentido já impresso pelo Autor. Para eles, a obra apresentava o “passado recente” do país, que teria sido “uma vergonha que abalou a nação”, tornando *Selva Trágica* (1959) um “repositório de novidades”, ou seja, ela revelaria ao leitor um Brasil que desconhecia a si próprio. Seu objetivo era que esses acontecimentos passados sobrevivessem na memória dos brasileiros e, graças a sua obra, evitar que caíssem no esquecimento e se reproduzissem no futuro (DONATO, 1959, p. 7).

Donato (1959) recriou e reinventou a história dos ervais no fazer poético a partir do que viu, vivenciou, ouviu e registrou em arquivos e livros, ou seja, de relatos de fatos que não presenciou, das vivências de homens e mulheres que conheceu, de leituras e pesquisas que realizou, da bagagem cultural que adquiriu nas viagens pelas terras mato-grossenses, da sua experiência como dono de um erval e de contatos que manteve com outros proprietários de ervais no Brasil e no Paraguai.<sup>9</sup> Ele preocupou-se com a pesquisa em arquivos, com a investigação historiográfica e utilizou uma multiplicidade de fontes. Assim, a pesquisa bibliográfica e o uso de fontes diversas somaram-se à sua sensibilidade em sorver a cultura local, ao testemunho do Autor, seu conhecimento sociológico e às experiências pessoais. Esses aspectos mesclaram-se e complementaram-se na criação do processo artístico de *Selva Trágica* (1959). Ao conferir um estatuto de verdade às suas obras, negava-lhes o caráter ficcional. Assim, como romancista, agiu como se fora um historiador.

Serejo (2008) testemunhou que as vivências da infância e juventude possibilitaram conhecer o mundo dos ervais e todos os seus segredos, inclusive a falar e a escrever em guarani. Em seus textos, com frequência, agradecia às pessoas com quem conviveu por longos anos, como o bugre Choié entre inúmeros outros nomes, por terem ensinado os mistérios das matas e sobre a vida nos ervais (SEREJO, 2008, v. 7, p. 157-158). Em *Homens de Aço: a luta nos ervais* (2008) declarou seu constante interesse em conhecer os *outros* e sobre a vida nos ervais e na fronteira do extremo oeste do Brasil:

Quem viveu nos ervais, como vivi, ouvindo, sentindo, e tudo indagando, com vontade de saber, muita coisa vê que lhe comove e punge a alma. [...] Procurei sempre estudar, com dedicação e carinho, a vida arrojada do homem do erval. Sempre tive, pelo ervateiro, uma sincera admiração (SEREJO, 2008, v. 1, p. 253).

<sup>9</sup> O erval de sua propriedade localizava-se próximo ao rio Paraná. Os pais de sua esposa também eram proprietários de ervais no Paraná.

No prefácio de *Homens de Aço: a luta nos ervais* (2008), publicado em 1946, asseverava que quem a escreveu “nunca leu obra alguma sobre a cultura e a industrialização da Erva-Mate; baseou-se exclusivamente nas informações colhidas de experimentados ervateiros”, a quem dedicou a obra (SEREJO, 2008, v. 1, p. 229). Revelou também que suas vivências nos ervais foram importantes para a escritura dos seus textos. No capítulo *O barbaquazeiro*, confessou que, durante um ano, residiu em Porto Baunilha, e seu quarto localizava-se ao lado de um *barbaquá*<sup>10</sup>, acostumou-se tanto com o cheiro e o estalar das folhas durante o beneficiamento da erva-mate que não conseguia conciliar o sono quando ali não havia atividade (SEREJO, 2008, v. 7, p. 239). Em *Vida de Erval* (2008), esclareceu que vivenciou a vida do ervateiro durante “longos anos a fio [...] tudo observando, de tudo indagando” e que “muitas obras foram consultadas, entretanto, as informações de fonte pessoal e as constantes observações do Autor foram as que firmaram o conteúdo da obra simples, porém, fiel em todos os sentidos.” Afirmou também que realizou pesquisas durante vários anos, elucidou dúvidas com amigos eruditos de Assunção e consultou obras variadas (SEREJO, 2008, v. 4, p. 111-112). Como reforço de autoridade citava e agradecia inúmeras pessoas que teriam sido “valerosos informadores” e seus nomes eram citados (SEREJO, 2008, v. 4, p. 75, 111-112). No texto *Amor pelo crioulisto* (2008), relatou que sempre foi um observador incansável e perguntador de muito fôlego (SEREJO, 2008, v. 9, p. 43).

Assim, inúmeras pessoas que conheceu, ou de quem ouvira falar, tornam-se personagens em sua produção literária. Ele sempre se referia as diferentes situações vivenciadas ou que ficaram marcadas nas suas lembranças. Suas personagens eram, em sua maioria, paraguaios, indígenas, caboclos e gaúchos. De todas as personagens, destacou-se seu pai, cuja memória foi cultuada em vários textos com admiração e respeito. Ao narrar suas lembranças, de forma fragmentária e seletiva, combinava memória e esquecimento, pois a escrita mediada pela memória é também uma resistência às deslembranças, preservando sua trajetória, a história da sua família e das pessoas que conviveu nos ervais. Recordar e registrar eram “dar um túmulo a eles” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 51).

Donato (1959) e Serejo (2008) aproximam-se, ao transformarem o mundo dos ervais em objeto de observação, conhecimento e reflexão. Eles atribuíram sentidos e significados à vida social, com muitas interlocuções com as diferentes vozes que confiaram a eles, voluntária ou involuntariamente, seus problemas, lembranças, memórias, angústias, medos e seus modos de pensar, sentir e viver. Assim, olhar, ouvir e registrar faziam parte da primeira etapa do trabalho de campo e escrever, da segunda. A credibilidade da interpretação não é atribuída somente ao volume de fontes, mas ao fato de *ter estado lá* e de *ter vivido lá*, que certificava, por escrito, o testemunho único de situações presenciadas e vividas (GEERTZ, 2005). Donato (1959) e Serejo (2008) escreveram seus textos em São Paulo. Esse distanciamento também conferia maior autoridade às suas narrativas.

<sup>10</sup> Barbaquá é o aparato de forma côncavo destinado à secagem da erva-mate.

Nas representações contidas nas leituras de *Selva Trágica* (1959), também predominaram os olhares com marcas negativas, onde nem sempre as alteridades e as diferenças foram apagadas. Serejo (2008), por exemplo, reforçava as distinções de nacionalidade, etnia, cor, gênero, classe social, dos corpos saudáveis daqueles doentes, entre outras. Ele se auto-representava como um bugre legítimo, posicionando-se em situação de igualdade das suas personagens, embora as diferenças entre eles nunca fossem apagadas. Ele era filho de *Don Chico Serejo*, dono de várias ranchadas<sup>11</sup>, era letrado e seus valores não eram os mesmos. Embora nutrisse afeição e nos momentos de cumplicidade se identificasse com suas personagens, o *outro* distinto é reafirmado na escrita serejeana, embora ele se auto-representasse como igual em seus hábitos e costumes. As alteridades foram evidenciadas, por exemplo, nas representações dos ervateiros, que seriam homens violentos, instintivos, rudes, semibárbaros e traiçoeiros. O “mundo bruto e selvagem” da erva-mate atraiu “muitas criaturas excêntricas, algumas de hábitos verdadeiramente anormais, e até denotadoras de demência” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 112). Essas representações negativas são acompanhadas de outras positivas, como as de incansáveis trabalhadores, corajosos, desbravadores dos sertões mato-grossenses e homens de aço, entre outras. Enfim, percebe-se que em algumas representações de Donato (1959) e Serejo (2008) os ervateiros estavam mais próximos à animalidade do que da humanidade.

Os *loci* de enunciações eram a fronteira do Brasil com o Paraguai e a extração de erva-mate. A fronteira seria uma terra abandonada pelo governo brasileiro, pois a soberania nacional ali não era efetiva e não eram realizados investimentos estatais. Era um horizonte infinito e largo, de mobilidade, de limites inexistentes, de águas sem margens, de identidades líquidas e um lócus onde todos os espaços foram borrados por outros lugares, margens, fronteiras, por dentro e fora ao mesmo tempo. Ao desenharem paisagens que se perdiam de vista apontavam para os deslimites, para os descentramentos e para as mobilidades. Por outro lado, revelam a arbitrariedade da imposição dos limites em uma região intervalar, de cruzamentos entre nações e que estão em permanente contrabando e fuga. A fronteira era, e ainda é, um espaço em fuga, poroso, semovente e em deslocamento permanente.

Ao descreverem a natureza, Donato (1959) e Serejo (2008) privilegiaram imagens paradoxais, ou seja, seus cenários transitavam entre o encantamento e a perplexidade, entre a beleza e a selvageria, entre olhares positivos e detratores. Céu e inferno se misturavam em Mato Grosso. A natureza da fronteira oeste foi caracterizada como exuberante, luxuriosa, pródiga, embriagadora; ao mesmo tempo, perigosa, selvagem, indômita, infernal e repleta de ciladas.<sup>12</sup> A magia do pôr-do-sol coexistia com tragédias

<sup>11</sup> Acampamento provisório em torno de matas com inúmeras árvores de *ilex paraguayensis*. Esses lugares de tão ermos eram denominados de “divisas com o inferno”, pois se localizavam em regiões de difícil acesso, onde os indivíduos eram acometidos por várias doenças, como o tifo e a maleita.

<sup>12</sup> Serejo (2008, v. 1, p. 270) enumerou alguns dos principais perigos dos ervateiros, tais como “terra apodrecida”, “muralha intransponível de espinhos”, cobras cascavéis, barbeiros, aranhas, mosquitos, carrapatos, bicho de pé, escorpiões, tigres e jacarés. Segundo Serejo (2008, v. 1, p. 270-276), os tigres eram a “assombração negra e demoníaca do homem do erval. Frequentemente, muda-se de ranchada por sua causa. [...] Urra de espaço em espaço, apavorando a todos”.

hediondas e crimes inenarráveis (SEREJO, 2008, v. 4, p. 75; v. 6, 50-55, 245-246; v. 6, p. 213-214). Para Serejo (2008), a região era um mundo bruto e selvagem, que se localizava no fim do mundo, olhar que a singularizava e a identificava, ao extrapolar as delimitações geográficas e políticas. Seria um lugar fronteiro, que estaria nas bordas, perto e longe, dentro e fora simultaneamente. A vida na fronteira era repleta de “dramas, tormentos, desenganos e alegrias” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 75). Em *Selva Trágica* (1959), o substantivo *selva* e o qualificativo *trágico* significam, respectivamente, lugar onde se luta duramente pela sobrevivência e acontecimento funesto, sinistro, que desperta lástima ou horror. Seria outro lócus, ermo, onde o ser humano era colocado à prova. Em suma, a área controlada pela empresa “Companhia” era representada como uma selva trágica, brutal, um purgatório e, outras vezes, como inferno.

As personagens das narrativas de Donato (1959) e Serejo (2008) são as pessoas comuns, tais como ervateiros, peões, prostitutas, mulheres, indígenas e bugres, entre outros. Eles retrataram suas cores, qualidades, sonhos, sociabilidades, costumes, afetividades, sociabilidades e, sobretudo, suas lutas para sobreviverem. Esse paradigma conceitual organizou o lugar onde produziram seus discursos e possibilitou a emergência, em primeiro plano, de homens e mulheres desprezados pela história oficial, que valorizava os heróis e as elites. Para Donato (1959), a personagem principal do romance *Selva Trágica* (1959) seria a erva, seguida pela terra, pelo tempo e sonhos, e, por fim, os homens “que fizeram a história”. As mulheres seguiram os homens e no mundo ermo e trágico dos ervais foram as únicas que amaram e lamentaram as mortes deles.

Serejo (2008), por sua vez, reviveu nos textos as histórias, culturas, hábitos, características biológicas, peculiaridades, misérias e a rusticidade e heroicidades dos ervateiros, bugres, peões, mulheres, vaqueiros, gaúchos, campeiros, andarilhos, comitiveiros e indígenas. Ao deslocar seu olhar para esses sujeitos, atribuindo-lhes o lugar de atores sociais, deslocou o local de enunciação e eternizou outros espaços, outras vivências e práticas cotidianas, os intercâmbios fronteiros e as diferenças culturais. Os ervateiros foram representados por Serejo (2008, v. 1, p. 231) como “Heróicos e audazes, sem egoísmo e ambição, eles [eram] bem o protótipo do homem nascido para as duras refregas contra a *jungle* bravia [...] O drama do erval alucina-os e absorve-os.” (grifo do autor). Seriam audazes, super-homens, pouco ambiciosos e seriam, ao mesmo tempo, “leões nas contendidas dos bolichos das estradas; e crianças sem vontade, quando no lar reunidos à mulher e aos filhos” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 231). Por lutarem contra uma natureza hostil numa “fronteira abandonada”, seriam homens “semi-bárbaros”, “rudes”, “de aço”, “heróis desconhecidos”, “gigantes” ao vencerem todos os obstáculos impostos e, ao mesmo tempo, seriam vítimas de inúmeras tragédias que ficaram marcadas em sua memória (SEREJO, 2008, v. 7, p. 112; v. 1, p. 231). Relata Serejo (2008, v. 1, p. 259):

Não raramente, uma cruz ficava à beira do caminho, para atestar a sua passagem. Era à beira de algum riacho, ou longe, dentro da floresta ululante. Eu conheci muitas cruces. Procurei saber da sua origem. E guardo ainda até hoje, bem viva na memória, a impressão que elas me causaram.



Os ervateiros seriam destemidos e apesar das agruras cotidianas sempre seguiam resolutos, reunindo forças para continuar sua jornada pela sobrevivência sem deixar de sonhar com dias melhores. Serejo (2008, v. 4, p. 96) testemunhou que as mortes eram frequentes e que encontrou nas “andanças com meu pai, por tenebrosas regiões ervateiras, inúmeros *kurusu paño*<sup>13</sup> [...] [e] cruzeiros cravadas no silêncio [...] frutos da sanha bestial e sanguinárias dos ignóbeis comitiveiros. Guardo na lembrança muitas delas”. Enfim, a difícil luta pela sobrevivência tornava a vida repleta de martírios e riscos e a morte sempre era iminente.

Em *Selva Trágica* (1959), os domínios da “Companhia” foram representados como uma selva brutal, infernal, isolada, um pesadelo no qual todos viviam e do qual desejavam libertar-se. Donato (1959), ao priorizar o trágico, construiu uma representação negativa dos ervais, “um inferno revestido de paraíso”, uma “selva” que “era de fato trágica”. A extração da erva-mate e a fronteira geraram relações sociais desiguais e contraditórias, um mundo singular. Ali, os seres humanos eram colocados à prova, viviam às avessas em estado inabitual, deslocados dos sentidos federativos, sociais e políticos.

Os dois Autores também se aproximam ao abordarem o mundo da erva-mate. Donato (1959) não fez nenhum elogio, porém ao mencionar apenas à “Companhia” e não especificamente à Mate Laranjeira a isentou de tal associação e responsabilidade, embora os leitores possam fazer essa relação. Já Serejo (2008, v. 1, p. 278), ao contrário, teceu inúmeros elogios, pois o desenvolvimento de Ponta Porã e de Bela Vista deveriam ser atribuídos à Mate Laranjeira, pois esta teria realizado inúmeras obras de infraestrutura. Teria feito “sozinha [...] o que não conseguiram fazer em quarenta anos de governo”. Os diretores da empresa construíram “[...] escolas, fundou núcleos de população, deu assistência médica a seus empregados, aumentou a míngua renda estadual e levou a civilização para o sertão.” Foram elogiadas também as tentativas de nacionalizar a fronteira que, ao seu olhar, eram patrióticas, pois teriam levado o progresso material e moral à fronteira oeste. A obra civilizatória teria avançado graças à rígida disciplina, à proibição do porte de armas e às restrições ao consumo de bebidas alcoólicas impostas pela Mate Laranjeira (SEREJO, 2008, v. 1, p. 277-278). A obra *Homens de Aço: a luta nos ervais de Mato Grosso* (2008) foi dedicada a dois sócios e administradores da empresa e aos ervateiros, heróis anônimos do *caaty* (SEREJO, 2008, v. 1, p. 225).

Entre as denúncias formuladas estariam a exploração dos ervateiros, a rigorosa disciplina, os castigos corporais e os altos índices de mortalidade. Em *Vida de Erval* (2008), denunciou que “povoações ervateiras [foram] transformadas em cemitérios [...] tudo isso houve sim, e até mesmo dramas inenarráveis” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 74-75). No Conto *Comitiveros* (2008), integrante da obra *7 Contos... e uma Potoca* (2008), descreveu casos de tortura, estupros e assassinatos cometidos pelos comitiveros e afirmou que seus nomes estariam “na memória de antigos ervateiros.” Ele teria testemunhado vários castigos com um chicote feito de rabo de lagarto papo-

<sup>13</sup> Panos colocados nas cruzeiros que permitiam identificar se o falecido era criança ou adulto, gênero, forma como morreu, entre outras informações. O tamanho da cruz, por exemplo, identifica a idade do falecido.

-amarelo, o *Teyu-Ruguáy* (SEREJO, 2008, v. 4, p. 95). A obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (2008) trazia uma série de denúncias sobre as violências e os crimes cometidos contra os ervateiros. Os números, de tão elevados, não poderiam ser quantificáveis (SEREJO, 2008, v. 5, p. 65-71).

Donato (1959), por sua vez, afirmou que não pretendia polemizar, nem “condenar nem desculpar” o acontecido nas regiões ervateiras, pois seu compromisso era unicamente com a tarefa literária. Por outro lado, afirmava que a “história” que iria relatar foi escrita com “tranqüilidade”, e, parafraseando São Bernardo, acreditava que “mais vale escandalizar do que sonegar a verdade” (DONATO, 1959, p. 7). Ou seja, a extração da erva-mate gerava relações sociais desiguais e contraditórias que beneficiavam uma minoria estrangeira. A exploração dos ervais, por ser uma atividade predatória e extensiva, exigia mão de obra numerosa. As relações de produção foram marcadas pelo endividamento e pela exploração do trabalhador (ervateiros, prostitutas e funcionários especializados), que viviam da extração, do beneficiamento e transporte da erva. As más condições de trabalho e de higiene, alimentação de má qualidade e a periculosidade à que os ervateiros e os demais trabalhadores especializados estavam submetidos geravam altos índices de mortalidade e a constante reposição da mão de obra. Nesse sentido, Donato (1959) representou os ervais como um local ermo, esquecido, onde o Estado não exercia sua soberania, provocando, assim, um distanciamento geográfico e cultural de Mato Grosso com o restante do Brasil.

Donato (1959) e Serejo (2008) preocuparam-se em registrar o uso da língua híbrida, dos multilinguismos e dos vocabulários, em particular da língua guarani, que era a mais falada na região até a década de 1950. A língua híbrida misturava traços e linguajares de português, guarani, espanhol, paraguaio, boliviano, argentino e uruguaio. Esse recurso poético é um instrumento de denúncia, de sobrevivência e de garantia da posteridade de uma dada realidade que contestava, pelas misturas híbridas, a padronização linguística e cultural (BARZOTTO, 2009). Por outro lado, essa estratégia narrativa objetivava conferir verossimilhança às narrativas ficcionais ao aproximar sua poética das falas das populações fronteiriças. O romance *Selva Trágica* (1959) foi acrescido, ao final, de um glossário dos termos em guarani cujo emprego foi utilizado na obra e sua real significação, autenticadas por Donato (1959). A recuperação das falas dos anônimos dos ervais tinha como pressuposto de que a língua do povo, embora se afastasse do vernáculo, era a correta e verdadeira, pois se traduzia num reduto original da brasilidade e nacionalidade (DONATO, 1959, p. 7).

Nos contos de Serejo (2008), e em *Selva Trágica* (1959), os limiares entre fato e ficção, objetividade e subjetividade, memória e imaginação foram diluídos. Ambos foram observadores perspicazes, argutos intérpretes da história dos ervais mato-grossenses e da fronteira do Brasil com o Paraguai e excelentes ficcionistas. Na construção do literário, a estética realista somou-se a uma série de mecanismos discursivos, com o fim de conferirem verossimilhanças aos enredos e às obras. Os referenciais histórico-

-sociais, extraliterários das obras, foram os ervais, as fronteiras e as pessoas comuns que lutavam pela sobrevivência.

## A PRESENÇA DAS MULHERES NOS ERVAIS DE MATO GROSSO EM *SELVA TRÁGICA* E NOS CONTOS DE SEREJO

Sabe-se havia poucas mulheres na região de fronteira com o Paraguai e a Bolívia. Para Vicenzi (1918, p. 80), o Mato Grosso era um “país imenso, povoado por um punhado de homens”. Segundo Barbosa (1963, p. 109), as “chinas” valiam ouro e eram muito disputadas pelos homens. Barrett (1988, p. 16) afirmou que nem todas as empresas ervateiras permitiam a presença de mulheres. No Paraguai, nas regiões da *Compañia Industrial Paraguaya*, sua presença não era permitida, ao contrário daquelas do sul do país. No Brasil, sua presença foi retratada por Donato (1959) e por Serejo (2008), pois elas também eram consumidoras dos produtos vendidos nos armazéns a preços elevados e, por outro lado, suas presenças amenizavam as tensões sociais criadas pelas relações de trabalho, por meio das relações sexuais consentidas, forçadas ou remuneradas. Onde havia mulheres constituíam-se famílias (BARRETT, 1988, p. 16). O pequeno número de mulheres tornava a prostituição um negócio lucrativo. Todas as empresas ervateiras mantinham casas de prostituição para endividar os ervateiros e para reconduzi-los aos ervais. Os ervateiros ao beberem, ao contratarem os serviços daquelas profissionais e ao presenteá-las com perfumes e outros agrados, endividavam-se.

Barrett (1988, p. 11), autor que inspirou Donato (1959), denunciou que os ervateiros contraíam dívidas ao comprar bebidas alcoólicas de má qualidade, vendidas a preços exorbitantes, e ao contratarem os serviços de profissionais do sexo “sifilíticas”, que sorriam nas ruas e em frente das casas de prostituição em busca de novos clientes. Um sorriso que os levaria fatalmente à morte. Por outro lado, criticava a exploração das mulheres pela *Compañia Industrial Paraguaya* e pelo fato de estarem privadas de assistência médica. Para Barrett, as mulheres eram tão “infelizes” quanto os ervateiros, pois 90% delas eram profissionais do sexo e padeciam de fome, cansaço e enfermidades. Muitas tinham filhos que “*desnudos, flacos, arrugados antes de haber aprendido a tenerse em pie, extenuados por la desinteria, hormiguean em ele lodo, larvas del infierno a que vivos aún condenados.*” Desses, apenas 10% sobreviviam. As doenças degenerativas e a desnutrição eram comuns e os sobreviventes dos ervais, que chegavam a 40 ou 50 anos, tornavam-se dementes, esquecendo até o nome dos pais (BARRETT, 1988, p. 16-17).

Donato, em *Selva Trágica* (1959), também retratou a presença feminina. Na trama, as poucas mulheres eram de nacionalidade paraguaia e, por isso, eram muito disputadas e desejadas pelos homens. Estavam presentes como esposas, amantes, donas de casa, trabalhadoras temporárias e como prostitutas. Nas ranchadas, dedicavam-se às tarefas de plantio de alimentos, ao cuidado das casas e dos filhos, ao preparo das refeições e como benzedeiros, curandeiras e parteiras. Na atividade ervateira, trabalhavam

nas atividades menos especializadas, como as de acender o fogo do *barbaquá* e de ensacar o mate já manufaturado. As personagens eram belas, sensuais e femininas. Teriam, invariavelmente, cabelos longos, brilhosos e negros, pés descalços, seios fartos, caminhar elegante e provocativo. Para seduzirem os homens, costumavam perfumar-se ou banhar-se em chás de ervas e flores silvestres. Assim, mesmo embrutecidas pela vida, eram vaidosas e procuravam, na medida do possível, permanecerem belas e atraentes. As mulheres jovens conquistavam certos privilégios que as mais velhas não tinham, como maior número de presentes, dinheiro e homens. Apesar disso, pela raridade, as mulheres velhas, já marcadas pelos sofrimentos dos ervais, também eram muito desejadas e vivenciavam amores fiéis.

Para os ervateiros de *Selva Trágica* (1959), a companhia de uma mulher era um sonho, sua maior aspiração. Porém, era um privilégio de poucos, principalmente dos homens mais jovens, que podiam sustentá-las. A desproporção numérica entre os sexos tornava as mulheres muito desejadas e compartilhadas de forma comunitária, o que, no entanto, não as impedia de, mais tarde, contraírem matrimônio. O grande número de parceiros sexuais não era impedimento para que fossem amadas ou tivessem relações estáveis. Ao descrever um velório, destacou que a escassez de mulheres tornava a mãe da falecida a mais desejada pelos homens para dançar (DONATO, 1959, p. 225). Para os homens, o sexo deveria ser realizado em todas as ocasiões, sem recusar ou desperdiçar as oportunidades que se apresentassem, como velórios ou festividades religiosas. A escassa mulher, seguida do cavalo e armas, era o sonho, a aspiração máxima daqueles homens, pois ela era considerada um complemento indispensável à felicidade.

As mulheres eram numerosas apenas nas casas de prostituição, que eram denominadas de *bailantas* e *quilombos*, nos bailes organizados pela “Companhia” e nas festas religiosas, em particular na Semana Santa. O maior querer dos homens era encontrar uma mulher que todos cobiçassem, porém fosse fiel e exclusiva. Os homens valorizavam as mulheres virgens, trabalhadeiras e fiéis. Para ter esse privilégio, era comum envolvem-se em malquerenças, disputas e conflitos. Os gastos com alimentação, vestuário e supérfluos, para agradar às mulheres, agravavam ainda mais o endividamento dos trabalhadores.<sup>14</sup> Quando o mineiro tinha uma parceira e filhos, obrigava-se a construir mais uma peça em seu rancho, o que acarretava mais gastos e aumento das jornadas de trabalho (DONATO, 1959, p. 206).

As mulheres de *Selva Trágica* (1959) eram cientes de sua raridade e importância e concediam seus prazeres e agrados àqueles que tinham condições de satisfazer suas necessidades mínimas, porém não dispensavam os presentes. Em geral, não eram exigentes e desejavam ser amadas e respeitadas. Entre os homens, preferiam os jovens, pois estes eram carinhosos e não as procuravam apenas para sexo. Desejavam, sobretudo, relações amorosas estáveis, valorizavam a afetividade e a cumplicidade entre os parceiros e, ao contrário do que pensavam os homens, relegavam, na maioria das vezes, para

<sup>14</sup> A compra de todos os produtos era realizada no armazém da “Companhia”, que os revendia a preços elevados.

segundo plano as necessidades materiais (DONATO, 1959, p. 51). Os homens, pela força, poderiam obrigá-las a morar com eles, porém ter o bem querer delas era outra coisa. Assim, a maioria das mulheres vivia com homens que não amavam.

Em *Selva Trágica* (1959) as mulheres eram importantes para a manutenção das relações de exploração e de poderes que permeavam os ervais. Para aliviar as tensões e a rígida disciplina, a “Companhia” promovia bailes como estratégia para controlar os trabalhadores e aliviar as tensões geradas pela exploração da mão de obra. As *quilombteras* e *bailanteras* eram contratadas para endividar os futuros trabalhadores em bailes organizados para esse fim ou para reconduzi-los aos ervais (DONATO, 1959, p. 134). Seu trabalho era fazer com que os homens consumissem bebidas, comidas e requisitassem seus serviços. Eles eram atraídos para as festas com promessas de que nos ervais teriam muitas mulheres, bebidas, alimentação farta, pouco trabalho e inúmeras possibilidades de progresso econômico. Para elas, dançar e saciar os desejos dos ervateiros era como se fosse uma contradança, pois, quanto mais homens as procurassem, maior seria sua remuneração. A cadência da música, das danças, somava-se ao ritmo frenético do sexo (DONATO, 1959, p. 36).

Algumas vezes, todas as mulheres eram convocadas para os bailes, fossem elas adolescentes ou velhas, doentes, bonitas, feias, solteiras ou casadas, mesmo as grávidas. O número de homens sempre era superior ao de mulheres, obrigando-as a terem relações sexuais com vários parceiros. As mulheres que se recusavam a participar eram capturadas à força para satisfazer os homens embrutecidos pela exploração laboral, pelo álcool e pelo desejo sexual reprimido por vários meses. Esses homens costumavam “usar” as mulheres como utilizavam os instrumentos de trabalho, o que as tornava apenas objetos do prazer masculino (DONATO, 1959, p. 35-36). Num dos bailes, uma adolescente, devido aos maus tratos, teria morrido. Durante o baile deixavam de funcionar todos os códigos de honra e de costumes ditados pela “Companhia” (DONATO, 1959, p. 35). As mulheres, para se preservarem, procuravam retardar os abusos para o final da festa, quando todos estavam bêbados. O ultraje de bêbados lhes parecia menor. No dia seguinte, deveriam reparar as cicatrizes nos corpos e nas almas.

Os homens, em geral, procuravam não desprezar suas mulheres. Se a vida era dura com as mulheres, seria pior sem elas e, passados alguns dias, ninguém mais se lembraria do acontecido. Por isso, a festa somente era considerada boa quando todos se embriagavam. Um homem que permanecesse sóbrio poderia comprometer a alegria de todos (DONATO, 1959, p. 35-38). A fidelidade feminina tornava-se um desejo irrealizável, apenas imaginado e que nunca se configurava no real. Por outro lado, as mulheres, conformadas, não consideravam importante o grande número de homens que passavam por suas vidas, pois apenas aqueles a quem haviam amado é que permaneceriam em suas memórias.

As histórias de vida das mulheres de *Selva Trágica* (1959) sempre estavam marcadas pela opressão, pelas violências e pelas impossibilidades de realizações afetivas e

conjugais. Assim, estupros, abusos sexuais, precocidade na iniciação sexual, espancamentos, rompimento dos laços familiares e afetivos são cotidianos e conferiam tensões permanentes à narrativa. Nos descaminhos do mate, todos eram obrigados a esquecerem do acontecido e a viverem dentro dos limites impostos pelas leis da “Companhia”. Os indivíduos estavam presos a um círculo trágico, vicioso e repetitivo que os impedia de se libertarem, de amar e de serem felizes. As personagens tinham poucas possibilidades de mudar seu destino e sobrepujar as forças sociais impostas, aspecto que se configura nas derrotas, nos infortúnios, nas incertezas com relação ao futuro.

A problemática social fomentava a dramaticidade das tramas amorosas. As personagens eram degradadas e tinham consciência dos seus limites e, apesar de resistirem, eram incapazes de lutar contra as forças que as oprimiam. Elas eram impedidas de mudar a realidade, de impor suas vontades e de concretizarem seus sonhos. Ou seja, as relações econômicas, políticas e sociais limitavam as ações dos atores sociais. A realidade não poderia ser aquela que os homens e mulheres desejavam e, por outro lado, não poderia ser mudada pelas vontades individuais e coletivas. Nos descaminhos do mate, os sonhos eram desfeitos, os amantes eram separados e a solidão tornava-se um fenômeno coletivo e quase imutável. Apesar disso, algumas personagens envolviam-se em relações intensas, ousadas, poderosas, de entrega plena da alma e do físico, que transgrediam as relações de poderes e hierarquias que permeavam os ervais. Os homens e mulheres, para reumanizarem-se, resistiam à disciplina da “Companhia”, sabotavam a produção, fugiam ou vivenciavam amores proibidos. Pela resistência, eles se afirmavam como homens e adquiriam a consciência de sua liberdade.

Em *Selva Trágica* (1959), o mundo recriava-se às avessas: os homens e as mulheres perdiam seu pertencimento ao gênero humano. Apesar disso, Donato (1959) as representou como sendo íntegras e conscientes de seu papel e lugar social. Elas são dotadas de qualidades morais e não havia dramas sexuais motivados por instintos mórbidos e aviltantes. Mesmo quando eram abusadas sexualmente, violentadas, prostituídas, espancadas, eram capazes de amar, de sofrer por amor e de manterem-se dignas e belas. Na obra, o amor foi apresentado em suas muitas gradações, desde o momento da entrega até o relacionamento mais profundo, terno e complexo entre o homem e a mulher, passando pela solidez e o afeto inquebrantável da amizade. Porém, nos ervais, os relacionamentos tornavam-se singulares. Havia o predomínio da angústia, da aflição, do desespero que coexistiam com a ternura, a paciência, a confiança, o amor, as paixões e as esperanças, sentimentos que estão associados a medo, solidão, tristeza, sofrimento, perdas, agressões físicas e luta pela sobrevivência.

Para Serejo (2008, v. 1, p. 245-246; v. 6, p. 154-155; v.8, p. 35-36, 59-61), as mulheres seriam as “heroínas”, “valorosas”, “valentes”, “sentinelas de granito na luta peripeciosa dos ervais” e eram dignas de “admiração e estima”, pois nada as abatia e mantinham seu ânimo sempre elevado, mesmo nos “duros e prolongados jejuns”. Residindo em locais ermos e sem recursos para adquirir alimentos, a mulher mostrava seu

“valor” ao triturar o milho e juntar “os últimos bocados de graxa, quase que em geral em estado avançado de deterioração e fabrica um repugnante bolo, que come dias seguidos com o companheiro e os filhos”. Nos *Jeroquis*,<sup>15</sup> ao contrário, gastavam todo o salário do companheiro, condenando a família a passar fome por vários dias. Para amenizar esse sofrimento e amortizar as dívidas, prestava serviços aos ervateiros como lavadeira de roupas (SEREJO, 2008, v. 1, p. 246). As *nhás*<sup>16</sup>, por suas “fibras de aço”, foram consideradas “heroínas” pelo conhecimento das plantas medicinais e pelas curas que realizavam (SEREJO, 2008, v. 6, p. 55-56). Em *Carai ervateiro* (2008), listou 70 mulheres que representavam essa legião de mulheres por serem “cunhãs admiráveis, heroínas de considerável porte, que nos ajudaram, com denoto ímpar, a penetrar o grande desconhecido da erva”, que viveram nos ervais e sonharam com dias melhores (SEREJO, 2008, v. 8, p. 61). Mas foi *Nhá Chaló*, apresentada como “*la divina*”, que conquistou sua maior admiração. Ela foi uma curandeira cuja fama extrapolava as fronteiras do Brasil e cuja sabedoria teria sido comprovada com a cura de centenas de doenças comuns nos ervais (SEREJO, 2008, v. 6, p. 259-286).

Nos contos de Serejo (2008), as mulheres também foram representadas como heroínas resignadas que seguiam seus companheiros, que realizavam tarefas domésticas, que cuidavam dos filhos e que lavavam as roupas para complementar a renda familiar, estendendo-as para secar sobre galhos ou nas ramadas das árvores. Elas sofreriam toda a sorte de martírios, na “[...] inabalável decisão de penetrar outros mundos e ganhar uma vivência mais tranqüila e douradora. Mas não pode ser assim. Foi, isso sim, uma eterna andante, uma predestinada para o sofrimento” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 69-70). Resignadas, não se queixavam, e procuravam encontrar sempre novas esperanças para continuar nos ervais. Nunca se sedentarizaram, como desejavam, e permaneciam com destinos e pousos incertos: “Destino de fêmea-macho que, apesar dos pesares, no caminho contínuo de atrozesses dissabores, estava ajudando a uma legião de gigantes a povoar o desconhecido”, auxiliando seus companheiros e contribuindo para o desenvolvimento econômico do Brasil (SEREJO, 2008, v. 4, p. 253; v. 1, p. 253). Outras vezes, foram representadas como “anêmicas, autênticas múmias, redivivas, corroídas por enfermidades várias, que gastam as últimas energias à beira de um rancho batendo, de sol a sol, a roupa grosseira da peonada” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 253). Elas seriam símbolos de resignação e de força de vontade, pois sempre se mantinham otimistas e sonhavam em tornarem-se proprietárias de um pequeno lote de terra (SEREJO, 2008, v. 1, p. 246).

Segundo Serejo (2008, v. 1, p. 245-246), as mulheres que viviam nos ervais não eram infortunadas, pois seu estilo de vida era adaptado às adversidades. Viver ou manter-se nos ervais era seu sonho e sua maior conquista. Caso fosse afastada, por imperiosa necessidade, tornava-se triste e desanimada. Como defesa, apelava, de forma ardilosa, para o choro como se fora uma criança. Caso o companheiro sofresse alguma agressão, colocava-se ao seu lado disposta a enfrentar todos os riscos para defendê-lo.

<sup>15</sup> Jerukis eram os bailes realizados nos ervais. Seriam, para Serejo (2008, v. 1, p. 246), desregradas orgias, farra louca e infernal

<sup>16</sup> Eram as curandeiras e benzedoras.

As mulheres que residiam nos ervais eram, sem sua maioria, de nacionalidade paraguaia e se dirigiam ao Mato Grosso por acreditarem que seria uma terra afortunada. Elas desejavam fixar-se em algum lugar, ter uma roça e gado, criar os filhos e, sobretudo, acumular algum dinheiro para conquistar estabilidade na velhice (SEREJO, 2008, v. 8, p. 60). Esse sonho era constantemente reacendido, mesmo quando contraíam doenças. Elas tudo suportavam, não se resignavam, lutavam com otimismo, pois mantinham a confiança em Deus e a esperança de dias melhores. Apesar disso, poucas conseguiram concretizar seus sonhos. Tendo diminuído a extração e o comércio da erva-mate, muitas mulheres retornaram ao Paraguai, porém a maioria permaneceu no Brasil, sempre com coragem e resignação (SEREJO, 2008, v. 8, p. 60-61).

Nos ervais, trabalhavam arduamente, ao lado dos homens em atividades que exigiam força física, tais como ensacar a erva, costurar os sacos, conduzir as arrias, fazer roças, produzir farinha de mandioca e sabão, ajudar na carneada e cuidar da cozinha. Segundo o escritor, atuavam em serviços que exigiam força física, substituindo a mão de obra masculina em momentos de escassez ou de doenças, como na atividade de “conduzir arrastas, para a necessária carga dos barbaquá”, e em serviços que exigiam determinada especialização, como ajudantes do barbaquazeiro (SEREJO, 2008, v. 8, p. 60). Quando idosa, tornava-se um “[...] farrapo humano. Desdentada e curvada pelo peso dos anos, anda pelas festas do sertão, vendendo sua quitanda e enrolando seu charuto. Às vezes ceva o chimarrão e lhe dão como paga do serviço, meia dúzia de níqueis. Sorri, Fica agradecida imensamente” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 209). A atividade de quitanda a tornava um “refugio evocador da vida fronteiriça”, uma alma penada, sem destino, pobre, enferma, infortunada e desgraçada, que não tinha a comiseração dos outros. A recompensa vinha apenas com a morte (SEREJO, 2008, v. 1, p. 181-183).

Em *Homens de Aço: a luta nos ervais de Mato Grosso* (2008), ao descrever o cotidiano dos ervais, mencionou a mudança do local de uma ranchada, atividade que era realizada em poucos dias, quando homens, mulheres e crianças seguiam um trilho com seus “trastes, numa alegria desenfreada” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 241). Essa obra traz inúmeras ilustrações, realizadas por Nicéforo Santos Ávila, que retratavam mulheres de várias idades, profissões e condições sociais. Numa das ilustrações foram representadas seis mulheres em frente a um rancho de capim no meio dos ervais, dessas uma era adolescente e as demais adultas, sendo uma delas idosa. Das quatro mulheres jovens, apenas duas tinham seus pés calçados e roupas novas, sem remendos; somente a idosa tinha seus cabelos cobertos, enquanto as demais tinham cabelos longos e três portavam adereços neles. Todas as mulheres representadas por Nicéforo eram belas, elegantes, com um porte altivo, graciosas, magnetizadoras, de olhar forte e brilhante, com cabelos longos, em geral soltos, com tranças ou com penteados sofisticados e, sobretudo, com curvas generosas (SEREJO, 2008, v. 1, p. 246).

Serejo (2008, v. 1, p. 254-255) também retratou as frequentes violências físicas e simbólicas contra as mulheres. Por serem em pequeno número, eram disputadas pelos



ervateiros. Porém, eram um privilégio de poucos. Apenas durante a Semana Santa elas eram numerosas, quando os ervateiros poderiam satisfazer seus desejos sexuais reprimidos, dançar, beber e divertir-se. Nas casas de prostituição, sempre havia mulheres disponíveis, dispostas a atender clientes e a trabalhar para a Mate Laranjeira a qualquer hora, com preços variados. Nos *Quilombos*, trabalhavam as mulheres mais de várias faixas etárias, inclusive as idosas, e nas *Bailantas* as mais jovens, entre 11 e 16 anos. *Bailantas* e *Quilombos* seriam locais de bailes, onde se encontravam mulheres de preços variados, que aceitavam dinheiro ou presentes. Ali, os homens bebiam, ficavam alcoolizados, brigavam, dormiam e contratavam os serviços daquelas profissionais. Segundo Serejo (2008, v. 4, p. 78, 85), nas *bailantas* ocorriam “dramas horríveis”, que resultaram em “milhares de cruces”, resultado da fluidez do Estado e das instituições a ele articulados. Longe das autoridades e da justiça reinava na região a violência e a impunidade.

Para Serejo (2008, v. 4, p. 78), a permanência das mulheres nas ranchadas devia-se a certas condições. Elas eram proibidas de engravidar, pois um filho elevaria as despesas. Eram, também, obrigadas a acatar as ordens de “seus homens” e não deveriam provocar conflitos de qualquer espécie, pois o ervateiro poderia ser penalizado. Caso engravidassem, por descuido ou para criar laços duradouros com o companheiro, eram expulsas da ranchada ou eram desprezadas e colocadas “[...] à margem de tudo, como criatura irresponsável e desobediente”. Em *Vida de erval* (2008), definiu a *quilombero* como “prostituta profissional”, que era permitida nos ervais, desde que estivesse amigada com peão de “bom procedimento” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 78).

As mulheres e os homens eram divididos de acordo com as suas convicções políticas, ou seja, dos partidos paraguaios Liberal ou Colorado. As mulheres coloradas, por exemplo, eram amantes, esposas ou prostitutas de peões colorados, “[...] para bailar, para conversar, para beber e, principalmente, para dormir”. Quando havia um baile, do qual participavam membros dos dois partidos, fazia-se presente a *cuñarecovái*, “mulher sem brio, sem qualidade, que [se] deixava vender por qualquer plata ou *pañuelo* de seda” (grifo do autor) (SEREJO, 2008, v. 4, p. 79). As *cuñarecováis* estavam sempre “perfumadas, [com] cabelos penteados, [e] brinco de ouro nas orelhas”. Nos ervais, tornavam-se “dóceis e obedientes”, pois um gesto impensado resultaria em mortes e castigos corporais com o temível *teyu-ruguáy*, chicote feito de rabo de lagarto. Segundo Serejo (2008, v. 4, p. 80-81), converteram-se em “escravas submissas”, que lutaram heroicamente ao lado do homem que elegeram companheiro. Assim, a *cuñarecovái* teria vindo desiludida e sem esperança; porém, nos ervais, tornou-se, ao lado dos ervateiros, uma heroína. Em *7 Contos... e uma Potoca* (2008), por exemplo, retratou a história de um argentino que era administrador de ranchada, Angel Cister Robledo, que teria matado “a façonaços” “mãe e filha, ambas suas amantes”, por terem participado de um baile durante a sua ausência (SEREJO, 2008, v. 4, p. 266-267).

## A VENDA E ALUGUEL DE MULHERES NOS ERVAIS DE MATO GROSSO

Outro drama vivenciado pelas mulheres nos ervais mato-grossenses era sua venda e aluguel. Essas relações foram retratadas nas produções ficcionais de Donato (1959) e de Serejo (2008), configurando-se, para eles, como uma prática frequente na fronteira oeste na década de 1950.

Barrett (1988), que foi fonte de inspiração para Donato (1959), citou a venda e a compra de uma mulher por um funcionário da Mate Laranjeira. Esse comércio foi arquitetado por golpistas, sendo um deles amante dela. Após a venda, eles pretendiam fugir com a mulher. O golpe, porém, fracassou, pois o comprador enviou capatazes bem armados para matar os golpistas e para recuperar a mulher. A perseguição resultou na morte dos vendedores e na posse definitiva da mulher comprada. Refere-se Barrett (1988, p. 19):

Hace dos meses, el patrón D. C., habilitado de la Matte Laranjeira, el cual habia comprado la querida de un peón por 600 pesos, tuvo el disgusto de saber la huída de la hembra con su antiguo amante y un Hermano de éste. D. C. los persiguió con gente armada de winchester, y uno de los peones murió enseguida; el otro fue rematado a cuchillo. Se suele hacer fuego sin voz de alto.

A venda de mulheres foi registrada por Donato (1959) e por Serejo (2008). Elas tornavam-se uma mercadoria para os ervateiros endividados, podendo ser alugadas, vendidas ou trocadas. Serejo, em *Balaio de bugre* (2008, v. 7, p. 144), relatou a história de um ervateiro que trabalhava numa ranchada de Porto Baunilha, no município de Ponta Porã. Após vinte anos trabalhando no Brasil, um paraguaio resolveu visitar sua família. Por estar impossibilitado de levar sua mulher consigo, alugou-a a outro ervateiro pelo preço “ajustado e ‘contratado’ de cem cruzeiros, por mês até o prazo de dez meses”. Após retornar da viagem, o locador recusou-se a pagar o aluguel e alegou que a mulher era muito velha e com pouca disposição para atender satisfatoriamente seus desejos sexuais. O locador e o locatário tiveram um desentendimento, que desencadeou num conflito de graves proporções. O locatário, auxiliado por amigos, agrediram o locador, que era mais velho e pouco ágil. As agressões no ombro e no braço esquerdo o aleijaram para sempre. Os amigos do locador, para defendê-lo, agrediram o locatário, que ficou gravemente ferido, além de perder a visão de um dos olhos. O dono do erval mediou o conflito e ordenou que o locatário abandonasse a ranchada; antes, porém, tirou-lhe o violão, que foi entregue ao locador, como pagamento do aluguel. Para o dono do erval, a dívida era sagrada e deveria ser honrada (SEREJO, 2008, v. 7, p. 144).

Em outra passagem da obra *Balaio de bugre* (2008), conta a história da chegada de um carpinteiro paraguaio no rancho *Ajuricaba*, localizado no município de Dourados, e que era administrado por seu pai. Para prover sua família, composta por esposa e cinco filhas, ofereceu seus serviços de carpinteiro e cozinheiro. *Don Chico* Serejo o contratou

e ele volta para buscar sua família. Ao retornar com sua família despertou os desejos dos ervateiros. A presença de suas belas filhas e esposa deu nova vida à ranchada.

O novo companheiro de trabalho, além da mulher castigada pela bruteza da vida, mas bonita e provocadora, trazia cinco filhas encantadoras de longos cabelos negros, sendo que, duas delas botando seios, tendo a mais velha somente dezenove anos de idade.

A chegada das cinco irmãs paraguaias nos ervais de dom Chico Serejo deu nova vida ao ambiente. E, nessa mesma noite houve uma musiqueada e, logo em seguida, com a permissão do *patrón* dom Serejo, rompeu um baile (jeroqui) *muy divertido e caliente*, que se prolongou até o amanhecer.

A luta pela conservação da virgindade das moças foi algo indescritível. Os lobos famintos, segregados naquele ermo, há mais de um ano, entraram em conflito e houve entreveros, uns após os outros, facadas, tiros, machetados e duas mortes (SEREJO, 2008, v. 7, p. 145).

O pai de Serejo, para defender a honra e a virgindade das moças, encerrou o baile. Temendo novos incidentes, teria extinguido a ranchada e transferido os ervateiros de *Ajuricaba* para *Naranjaj*. Don Chico preferiu arcar com os prejuízos econômicos a contrariar seus princípios morais (SEREJO, 2008, v. 7, p. 145). Posteriormente, afirmou que teve notícias do carpinteiro. Soube que ele, com dificuldades de sobrevivência e com a esposa doente, como recurso extremo, teria vendido todas as filhas:

[...] sendo lindas e, ainda virgens, para elas seguramente acharia bom preço. E achou, no seu entender um preço justo pela primeira [...] um madeireiro de Campo Mourão, no Paraná, foi o comprador. Logo apareceram outros interessados e mais duas foram vendidas, ou melhor, breganhadas por uma espingarda de dois canos, dez contos de réis e um bote com um motor novo.

As duas restantes, as mais jovens, tiveram o mesmo destino. Uma delas, dizem, no sul do estado do Paraná, como esposa exemplaríssima, de determinada autoridade, chegou a ser dama de conceito respeitável na terra dos Pinheirais.

De nada valeram o zelo de meu pai, as suas noites em sobressaltos constantes, o atendimento aos feridos, os curativos, o tratamento humano e o velório cristão aos defuntos, pois as graciosas cunhataís de Ajuricaba foram vendidas para a melhoria da vida daquele que a pôs no mundo, formosas e encantadoras (SEREJO, 2008, v. 7, p. 146).

Donato (ENTREVISTA..., 2002) afirmou que a venda de mulheres na fronteira do Brasil com o Paraguai era frequente e que transpôs para o ficcional o que teria ouvido falar e, sobretudo, testemunhado durante suas pesquisas e viagens ao Mato Grosso na década de 1950. Assim, nas representações de *Selva Trágica* (1959), as mulheres eram mercadorias negociáveis, podendo ser vendidas para quitar dívidas. Para tal, era necessário o consentimento do administrador da ranchada. Dessa forma, passava do mineiro endividado para o que possuía crédito. Nas negociações, todas as mulheres eram valorizadas, mesmo as mais velhas. Em dois momentos da trama, a venda de mu-

lheres foi retratada. No primeiro, o *changa-y*<sup>17</sup> Osório negociava a venda de erva-mate para Ênio que, por meio de um gesto, manifestou o desejo de comprar sua amante Nakirá. Pela venda, pagaria em dinheiro e comprometia-se em comprar a produção nas demais temporadas. Também assegurou que ela seria bem tratada. Osório, cada vez que retornava aos ervais, convidava Nakirá para acompanhá-lo, como amante e para os serviços domésticos. Nutria por ela a mesma estima que tinha pelas armas e pelos animais de arria. Assim, recusou a venda, pois estimava sua presença e companhia (DONATO, 1959, p. 101).

Noutro momento da trama de *Selva Trágica* (1959), dois ervateiros e uma mulher dirigiram-se à sede administrativa do rancho Bonança. A personagem Cure não se surpreendeu quando os viu, pois, como um dos administradores mais antigos, já tinha intermediado inúmeras vendas de mulheres. Na área administrada pela “Companhia”, a prática de venda de mulheres era ritualizada e prescrevia um cerimonial a ser seguido, embora houvesse singularidades em cada caso. O ritual iniciava-se quando o casal se dirigiu à sede do comissariado, onde ocorriam as transações comerciais públicas. A mulher seguia atrás do companheiro, cabisbaixa. A venda, para ser legitimada, deveria ser pública, semelhante a um comércio, e reunia todas as partes interessadas; sobretudo, conferiam-se os livros de registro para verificar se o mineiro que estava adquirindo a mercadoria tinha crédito ou não. Entre as formalidades, perguntava-se à mulher se consentia ou não com a venda; porém, sua aquiescência poderia ser obtida por meio da coação, da humilhação e da violência, pois era a parte menos relevante no negócio. Suas vontades e desejos não eram considerados. Sua venda, algumas vezes, poderia trazer vantagens, quando o companheiro era jovem e produtivo, aspecto que poderia propiciar condições melhores de vida e proteção (DONATO, 1959, p. 117-118).

As negociações eram rápidas e a mulher era passada legalmente para o outro proprietário por meio da escrituração nos livros contábeis da ranchada. A venda era, dessa forma, legitimada por meio da presença dos administradores do rancho que intermediavam a negociação e dos registros da transação comercial nos arquivos. O mineiro que devia muito à “Companhia” tinha sua dívida assumida pelo comprador. Ou seja, cancelava-se uma dívida e escriturava-se outra. Após, havia a transferência da mulher à posse do outro, quando o ex-companheiro a renunciava publicamente. Finalizada a transação, a mulher seguia novo companheiro, alguns metros atrás, até seu rancho (DONATO, 1959, p. 117-118).

Na trama de *Selva Trágica* (1959), a venda e a cessão da propriedade de uma mulher eram acompanhadas de complexos cortejos de atos simbólicos e legais. A transação de transferência de propriedade era devidamente registrada para impedir contestações e futuras demandas por parte dos envolvidos na venda. Por isso as cerimônias para legitimar a venda e a aquisição da mulher, tais como a venda em espaço público, a presença de testemunhas, a consulta à mulher, os registros nos livros da “Companhia”.

<sup>17</sup> Changa-y era o ervateiro clandestino, perseguido pela empresa Mate Laranjeira.

A posse definitiva consolidava-se quando o comprador conduzia seu bem, recém-adquirido, até seu rancho. Esses atos simbolizavam a posse e ressaltavam a legitimação do caráter social e público da propriedade adquirida.

A personagem Curê, que administrava a ranchada, ao olhar para a mulher, pensou com desprezo: “Mulher batida de erval, mulher rodada de rancho em rancho, de erval a erval, moça velha, sem mais graça, sem mais carnes, sem encantos. E todavia, mulher!” (DONATO, 1959, p. 117-118). Curê afirmou que não moveria dois dedos por ela, nem gastaria um peso para tê-la por algumas horas. Porém, para a “Companhia” era uma mercadoria valiosa e era vantajoso realizar a venda. O comprador tinha duzentos pesos de crédito e a mulher foi negociada a cento e setenta pesos. A venda era um meio de reter o mineiro que tinha crédito e de endividá-lo. Para o mineiro que vendia, a vantagem era o abatimento da dívida ou de parte dela. Assim, teria a ilusão de que poderia libertar-se do trabalho nos ervais. Porém, novas dívidas eram contraídas, inviabilizando seus sonhos de liberdade. Após a venda, os dois ervateiros retiram-se. O novo dono da mulher à frente, feliz, mostrava o caminho onde ela iria residir. O que havia vendido, com raiva e ciúmes, pensava o que iria fazer, agora que era um homem com menos dívidas e sem mulher, a maior aspiração de um homem (DONATO, 1959, p. 117-118).

Para as mulheres, a venda poderia ser vantajosa, pois teriam moradia, alimentação e a proteção de um homem. Quando os homens não gostavam da companhia poderiam expulsá-la do rancho, devolvendo-a a estrada e à própria sorte (DONATO, 1959, p. 121). Nesses casos, elas se obrigavam a procurar o abrigo e a proteção de outro homem, porém era mais vantajoso vendê-la (DONATO, 1959, p. 111). Nos ervais, o problema era ser homem com dívidas e sem mulher, assim viveria solitário e sem uma mercadoria apreciada para, caso necessitasse, quitar suas dívidas (DONATO, 1959, p. 117-118). Para as mulheres, era vital a procura de um homem que a protegesse, caso contrário era improvável “chegar serena no [final] da trilha” (DONATO, 1959, p. 32). Assim, passavam de um rancho para outro a procura de homens solitários. Caso uma mulher não se agradasse de nenhum homem solteiro ou não fosse convidada para viver com um homem, ela passava a residir nas casas de prostituição, que era a “casa de todas elas”. O fato de uma mulher procurar um rancho sem mulher e de ser chamada a entrar e viver com outro homem feria a honra masculina do antigo parceiro, pois ele passaria a viver solitário, distante de sua maior aspiração (DONATO, 1959, p. 111).

A venda, troca e aluguel de mulheres nas regiões ervateiras do Brasil e do Paraguai foram retratados por Barret (1988), Serejo (2008) e Donato (1959). Essas práticas foram representadas em suas narrativas como uma prática bárbara, ofensiva à moralidade e às leis brasileiras e paraguaias e a fronteira do Brasil com o Paraguai apresentava-se como *outro* Brasil, ainda não incorporado à nacionalidade.

Tanto Donato (1959) quanto Serejo (2008) trabalham com efeitos de real ao procurarem asseverar que seus textos são representações fidedignas do acontecido nos

ervais, afastando-os da equivalência com o imaginativo. Eles constroem a expectativa, a partir dos recursos acima mencionados, de que a obra apresentaria ao leitor a realidade pura e objetiva do acontecido, apreendida por um observador distante. Porém, seus textos são híbridos ao combinarem, de forma ousada, ficção com pesquisa em arquivos, observação, uso de fontes diversificadas, memória e autobiografia. Ao citarem os intertextos procuravam seduzir o leitor, induzindo-o a aceitar a narrativa como histórica e testemunhal distanciando-as da ficcionalidade e da subjetividade. Não cabe, nesses casos, questionar as intenções dos autores, a autoridade do texto e o *status* da sua veracidade ou da sua dissimulação. As relações entre os textos e os fatos dependem do leitor e da leitura que ele realiza provocando, ou não, o reconhecimento e a sua aderência ao jogo do autor. O leitor tem um papel ativo que questiona o controle do autor sobre o texto produzido.

Tanto *Selva Trágica* (1959), como os Contos de Serejo (2008), são narrativas onde os gêneros são ambíguos e de difíceis delimitações. Sabe-se que a separação entre história e ficção foi construída discursivamente, embora não pertençam a campos diversos, mas convergentes. A literatura abrange vários gêneros e tampouco pode ser confundida com a ficção, porém “a maior parte dos textos literários é formada por modalidades ficcionais” (LIMA, 2006, p. 382). Cada um apresenta suas singularidades ao lidar com a linguagem. Textos ficcionais de testemunhos podem ser apresentados como autênticos, pois o testemunho, como afirma Derrida (1998, p. 1), tem sempre a possibilidade, ao menos da ficção, do perjúrio e da mentira. Assim, *Selva Trágica* (1959) e os Contos de Serejo (2008), por pertencerem a gêneros oscilantes, indefinidos e móveis entre a história e a literatura, não possuem uma classificação discursiva absoluta.

Tanto Donato (1959) quanto Serejo (2008) assumem um comprometimento ético com a rerepresentação verossímil do passado e criam textos mistos e polissêmicos que reivindicam a veracidade ficcional embora o trabalho de criação estivesse presente. Porém, sabe-se da impossibilidade de transposição imediata do real para o literário e também que, nessa passagem, a literatura é marcada pelo real. Assim, cabe perguntar que verdade essas obras nos trazem pelas suas meias verdades? (CHIAPPINI, 1999, p. 813). Donato (1959) e Serejo (2008) eram eternos questionadores e curiosos de tudo. Preocupavam-se em compreender os modos de vida, bem como suas razões de ser e havia esforços para se chegar a uma verdade sobre os ervais.

## REFERÊNCIAS

- BACILLA, Antônio. *O drama do mate*. Guairá: Editora Guairá, 1940.
- BARBOSA, Emilio G. *Panoramas do Sul de Mato Grosso*. Campo Grande: Editora Empresa Correio do Estado, 1963.

BARRETT, Rafael. Lo que son los yerbales. In: \_\_\_\_\_. *Rafael Barrett - obras completas II: Lo que son los yerbales moralidades actuales ensayos y conferencias epifonemas*. Asunción: RP ediciones/ICI, 1988.

BARZOTTO, Leoné Astride. Traços pós-coloniais na literatura de Mato Grosso do Sul. *Anais do XIX Seminário do CELLIP*, Cascavel – PR, 2009.

CHIAPPINI, Ligia. Relações entre história e literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: *Simpósio Nacional da ANPUH*, 20, Florianópolis. Anais... São Paulo: Humanitas/ FFCH/USP: ANPUH, 1999, p. 813-814.

DERRIDA, Jacques. *Demeure*. Paris: Galilée, 1998.

DONATO, Hernâni. *Chão bruto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

DONATO, Hernâni. *Selva Trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

ENTREVISTA Hernâni Donato (fita cassete). Produção: Jérri Roberto Marin. São Paulo, 2002. 90mim (aprox.).

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

LIMA, Luís Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

SEREJO, Hélio. Homens de aço: a luta nos ervais. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 1.

SEREJO, Hélio. Pialo bagual. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 1.

SEREJO, Hélio. De galpão em galpão. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 3.

SEREJO, Hélio. Sete contos... e uma potoca. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 4.

SEREJO, Hélio. Vida de erval. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 4.

SEREJO, Hélio. Pelas orilhas da fronteira. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 5.

SEREJO, Hélio. Nhá Chaló. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 6.

SEREJO, Hélio. Caraiá. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 6.

SEREJO, Hélio. Paisagem sertaneja. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 6.

SEREJO, Hélio. Balaio de bugre. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 7.

SEREJO, Hélio. Caraiá ervateiro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 8.

SEREJO, Hélio. Contos crioulos. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. 9.

VICENZI, Jacomo. *Paraiso Verde*: Impressões de uma viagem a Mato Grosso em 1918. [S. n. t.].